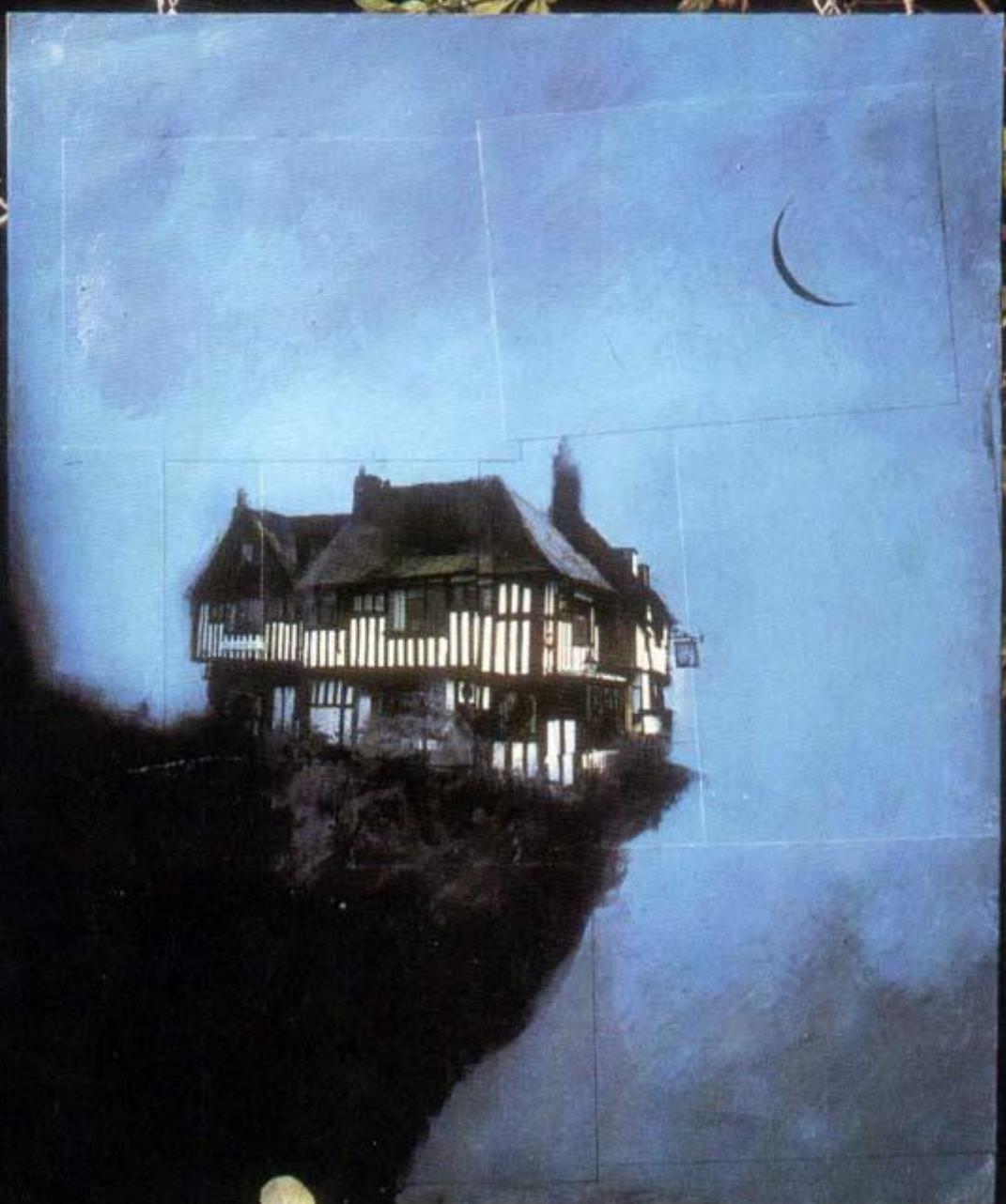


# SANOMAN

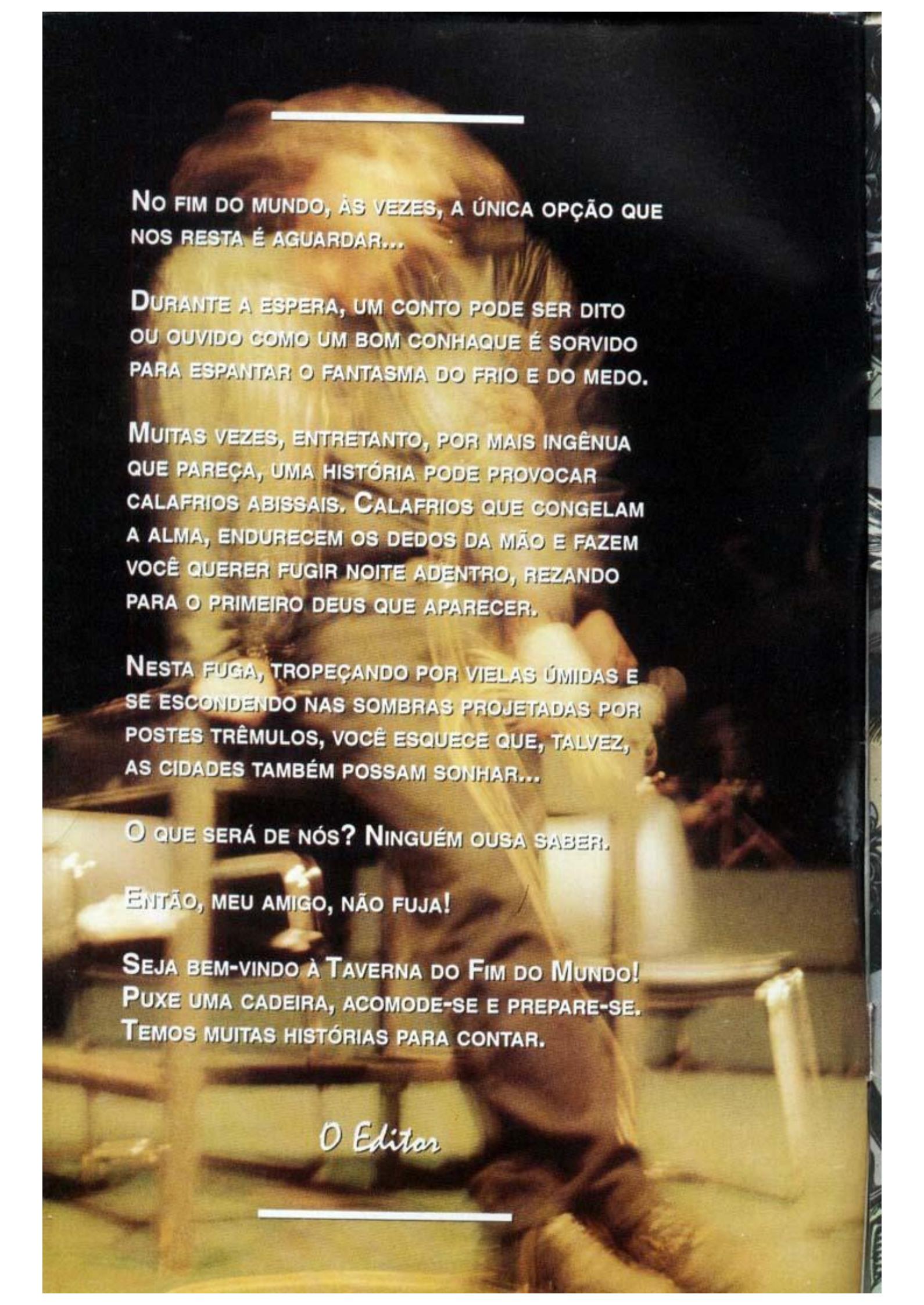
EDITORIAL  
GLOBO  
nº 51

© DC Comics Inc. A Division of Warner Bros. A Time-Warner Company. Todos os direitos reservados.



## GIBIHQ!

neil gaiman - bryan talbot      alec stevens - mark buckingham



**NO FIM DO MUNDO, ÀS VEZES, A ÚNICA OPÇÃO QUE  
NOS RESTA É AGUARDAR...**

**DURANTE A ESPERA, UM CONTO PODE SER DITO  
OU OUVIDO COMO UM BOM CONHAQUE É SORVIDO  
PARA ESPANTAR O FANTASMA DO FRIO E DO MEDO.**

**MUITAS VEZES, ENTRETANTO, POR MAIS INGÊNUA  
QUE PAREÇA, UMA HISTÓRIA PODE PROVOCAR  
CALAFRIOS ABISSAIS. CALAFRIOS QUE CONGELAM  
A ALMA, ENDURECEM OS DEDOS DA MÃO E FAZEM  
VOCÊ QUERER FUGIR NOITE ADENTRO, REZANDO  
PARA O PRIMEIRO DEUS QUE APARECER.**

**NESTA FUGA, TROPEÇANDO POR VIELAS ÚMIDAS E  
SE ESCONDENDO NAS SOMBRAS PROJETADAS POR  
POSTES TRÊMULOS, VOCÊ ESQUECE QUE, TALVEZ,  
AS CIDADES TAMBÉM POSSAM SONHAR...**

**O QUE SERÁ DE NÓS? NINGUÉM OUSA SABER.**

**ENTÃO, MEU AMIGO, NÃO FUJA!**

**SEJA BEM-VINDO À TAVERNA DO FIM do Mundo!  
PUXE UMA CADEIRA, ACOMODE-SE E PREPARE-SE.  
TEMOS MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR.**

*O Editor*



REVENDO O QUE ACONTECEU, O QUE MAIS ME SURPREENDERU FOI MINHA REAÇÃO.



CHARLENE MOONEY ESTAVA DORMINDO NO BANCO E EU TINHA DIRIGIDO QUASE TODA A NOITE.



PROMETI QUE A ACORDARIA AS 3H00 PARA DIRIGIR, MAS ELA DORMIA TÃO GOSTOSO... E EU NÃO ESTAVA MUITO CANSADO.



ERA UMA NOITE QUENTE DE JUNHO, ATÉ CONSEGUI VER UMA CORUJA, COM SUAS ASAS ILUMINADAS PELOS FARÓIS.



VIA UM CAMINHÃO TALVEZ A CADA Vinte MINUTOS.



EU MANTINHA A VELOCIDADE AUTOMÁTICA DE CENTO E TRINTA, QUE CAIA PARA CEM QUANDO O DETETOR DE RADAR APITAVA, E OUVIA UMA FITA DO BUDDY HOLLY BEM BAIXINHO, PRA NÃO ACORDAR A CHARLENE. ENTÃO, PASSEI UMA CIDADEZINHA COM UM NOME DE FIM DE MUNDO, QUANDO COMEÇOU A NEVAR.



EU DEVIA ESTAR MESMO CANSADO.



SABE, NÃO ACHEI ESQUÍSITO NEVAR EM JUNHO. EU SÓ PENSEI "MERDA, TA NEVANDO" E REDUZI PRA NOVENTA E CINCO.



QUANDO A NEVE AUMENTOU, EU LIGUEI OS LIMPADORES.

NÃO GOSTO MUITO DE DIRIGIR NA NEVE. TEM ALGUMA COISA NO MOVIMENTO DOS FLOCOS QUE INCOMODA MEUS OLHOS E MANDA MEU SENTIDO DE EQUILÍBRIO PRO INFERNO.

É COMO TROPECAR NUM CAMPO DE ESTRELAS.

PENSEI EM ACORDAR A CHARLENE SÓ PRA MOSTRAR A NEVE. EU JÁ ESTAVA FICANDO SONOLENTO DEMAIS PRA DIRIGIR, QUANDO ALGUMA COISA ESTRANHA E ENORME SALTOU SUBITAMENTE DO ACOSTAMENTO PRA FREnte DO CARRO.

DEPOIS DISSO, TUDO FICOU MUITO DEVAGAR E CALMO.

EU ATRAVESSEI A CERCA E SACOLEJEI SOBRE UMA CAMPINA, PISANDO NO FREIO, SEMPRE PREOCUPADO EM NÃO ARRANHAR O CARRO DE CHARLENE E COM O QUE ELA DIRIA AO ACORDAR.

MERDA!

E EU PENSEI MUITO CALMO, "EU VOU MORRER. COM CERTEZA, EU VOU MORRER..."

DECIDI QUE SIMPLESMENTE NÃO TINHA TEMPO DE ACORDAR CHARLENE E ME DESCULPAR POR NOS MATAR; PENSEI COM MEUS BOTÕES COMO FUI BRILHANTE, POU-PANDO O PREÇO DE UMA PASSAGEM DE AVIÃO, DIVIDINDO O CARRO DA CHARLENE ATÉ CHICAGO.

A GENTE NEM MESMO ERA AMIGO.

2

OS BREQUES NÃO SERVIAM PRA NADA. ESTAVAMOS DESPENCANDO COLINAABAIXO E, DE REPENTE, ME VI NA DIREÇÃO DE UM CARVALHO AVANÇANDO RUMO A UMA ÁRVORE...

MAS EU NÃO ESTAVA ASSUSTADO, NEM PREOCUPADO. TUDO ACONTECIA DEVAGAR. ERA MEIO QUE DIRETO AO ASSUNTO.

EU SABIA QUE PODIA MORRER, MAS NÃO TINHA MUITA EMOCÃO: UM LEVE INTERESSE ERA O MAIS FORTE QUE SENTI.

LEVE INTERESSE E ESPANTO REPENTINO AO PERCEBER QUE ESTAVA NEVANDO NO VERÃO.



RETIREI CHARLENE DO CARRO. ELA ESTAVA CONSCIENTE, MAS NÃO MUITO. HAVIA CORTES NO SEU ROSTO.

TUDO PARECIA IRREAL, COMO NUM SONHO; ERA COMO SE EU ESTIVESSE ME VENDO NUM FILME SOBRE A MINHA VIDA.

BRANT? O QUE ACONTECEU..?



BATI O CARRO. UMA COISA APARECEU NA FRENTE DA GENTE E...

OHH... DEUS...

SEU MERDA! VOCÊ DESTRUIU MEU CARRO! POR QUE NÃO ME ACORDOU PRA EU DIRIGIR?

ESTOU TE LEVANDO DE VOLTA PRA ESTRADA. VOLI PARAR UM CARRO E TE LEVAR PRO HOSPITAL...

CHARLENE? VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO?

ENTÃO, EU CAMBALEEI ATRAVÉS DA CAMPINA RUMO À ESTRADA, TODO COBERTO DE SANGUE E PENSANDO "OU EU FAÇO PARAR UM CARRO OU ACHO UM TELEFONE... QUALQUER UMA DAS DUAS, IA SER ÓTIMO".

VOCÊ DEVIA TER ME ACORDADO. DEVIA TER...

ACHO... QUE FIQUEI LOUCA. PARECE QUE ESTÁ... NEVANDO.

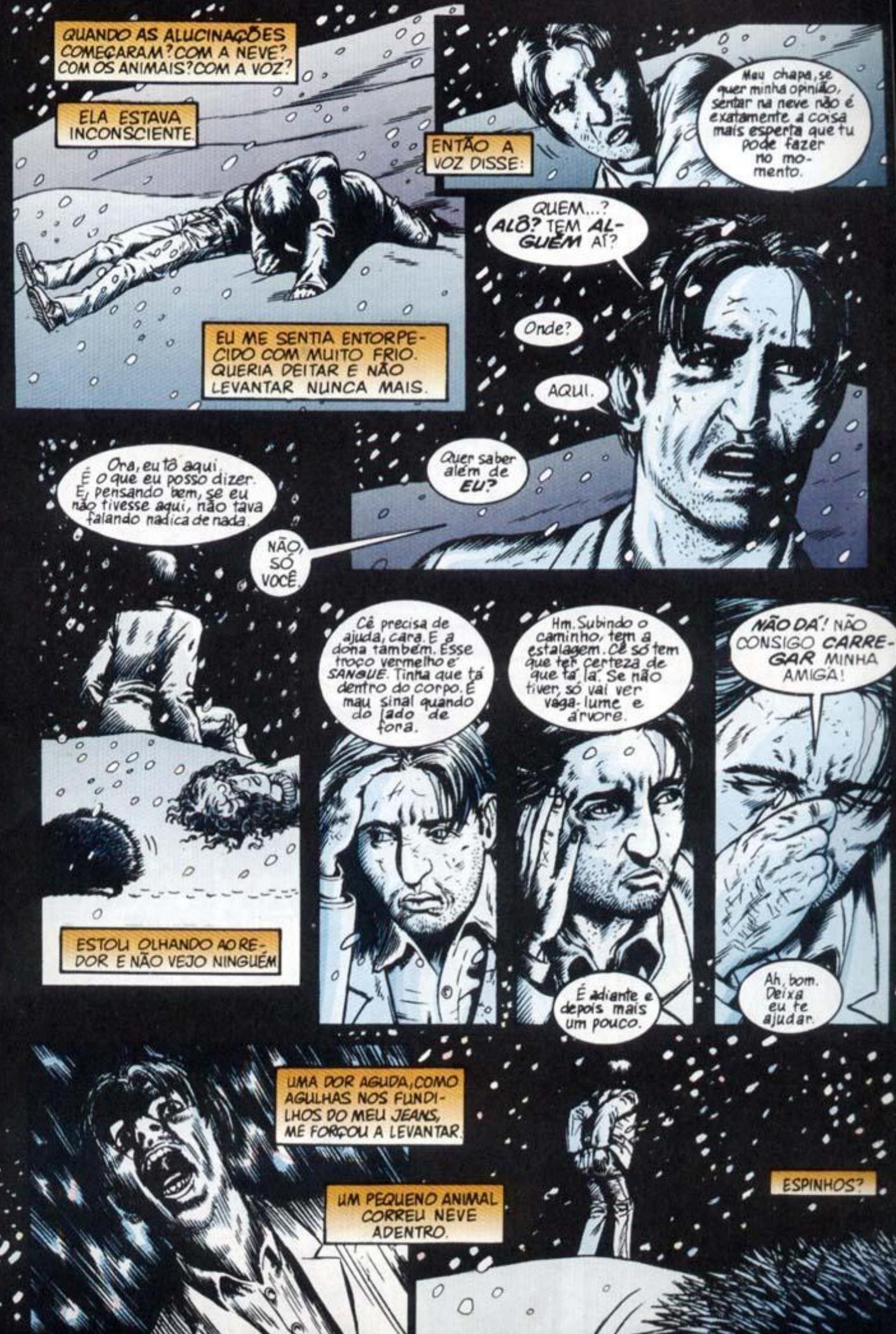
ESTÁ, EU ACHO. NÃO FALE AGORA.

TORÇO PRA NÃO SER FRACTURA DE CRÂNIO. LESÕES NA CABEÇA SANGRAM 'A BEÇA. MESMO QUANDO NÃO É NADA. ATÉ EU SEI DISSO.

MAS A ESTRADA ESTAVA MUITO LONGE.

NÃO SEI O QUANTO ANDEI COM ELA NO COLO. SO SEI QUE ANDEI ATÉ NÃO PODER MAIS, ATÉ ELA SE TORNAR UM PESO MORTO E EU AFUNDAR NA NEVE, INCAPAZ DE ME MOVER.





LEVANTEI A CHARLENE E CAMBALEEI.

MAS ENCONTREI UMA TRILHAZINHA.

A NEVE MUDA COMPLETAMENTE A PAISAGEM. EU NÃO IA CONSEGUIR ENCONTRAR A INTERESTADUAL.

E, NO FIM DA ESTRADA, EU VI LUZES.

VAGA-LUMES...?

O fim do mundo

Uma casa gratuita

QUEM VAI SER AGORA?

AH, TEM UMA HISTÓRIA QUE EU OUVI EM ALDEA SOBRE UM ESPELHO FAMINTO FEITO DE BRONZE...

AQUELA HISTÓRIA VELHA? VOCÊ É CAPAZ DE COISA MELHOR, MENTON.

BEM, ENTÃO...

O QUE TEMOS  
AQUI? O QUE ACONTE-  
CEU COM VOCÊ, AMIGO? E  
COM SUA MULHER?

EU PRECISO USAR SEU  
TELEFONE. O CARRO... ELE...  
UM ANIMAL NA ESTRADA...  
A ARVORE... MINHA AMIGA  
ESTA MUITO FERIDA...

TELEFONE? JÁ OUVI  
FALAR NISSO, MAS NÃO  
CREIO QUE EXISTA TAL  
OBJETO NESTA ESTA-  
LAGEM, E, SE EXISTISSE,  
NÃO PODERIA CONVOCAR  
AJUDA PARA SUA  
AMIGA.

MAS SOU UM  
CIRURGIÃO DE DONS  
RAZOÁVEIS.

ESTALAJADEIRA!  
PRECISAMOS DA  
SUA AJUDA!

PEGOS PE-  
LA TEMPESTADE,  
HEIN?

TOME,  
BEBÁ  
ISTO.

MAS EU  
TENHO  
QUE...

BEBÁ.



EI, SEU  
TUCKER. EU  
TROUXE COZIDO  
PRA VOCÊ.



BRENT, VOCÊ  
ACORDOU. COMA  
SEU COZIDO.

ESTÁ  
TUDO  
BEM?

ESTAMOS CONTANDO  
HISTÓRIAS. VOCÊ PERDEU UMA  
SOBRE UM CARA QUE GANHOU  
NOVEMBRO DE 1937 NUM  
JOGO DE PÔQUER.

OLHA... O SEU  
CARRO... TUDO O QUE  
ACONTECEU...

ISSO PODE ESPERAR. A GENTE  
NÃO VAI A PARTE ALGUMA. NÃO  
POR ENQUANTO.



EU CHAMO  
ESTE CONTO, EM  
DEFERÊNCIA A OUTRO,  
MAIS LONGO,  
UM CONTO DE DUAS  
CIDADES.

EMBORA, EM  
VERDADE, DEVO  
CONFESSAR QUE  
NÃO SEI QUANTAS  
CIDADES HÁ  
NELE...

ERA UMA VEZ UM HOMEM QUE VIVIA NUMA CIDADE E QUE TINHA MORADO NELA TODA A SUA VIDA.



NÃO QUER DIZER QUE ELE JAMAISS TIVESSE DEIXADO A CIDADE; ELE PASSAVA OS FERIADOS NO LITORAL E, NA ÉPOCA DA MORTE DE SEUS PAIS, TOMOU SUA PEQUENA HERANÇA E PASSOU DUAS SEMANAS NUMA ILHA TROPICAL, ONDE ELE SOFREU DESAGRADÁVEIS QUEIMADURAS SOLARES



ELE SAÍA DOS SUBÚRBIOS TODA MANHÃ PARA TRABALHAR NO CENTRO DA CIDADE E SÓ RETORNAVA À NOITE.



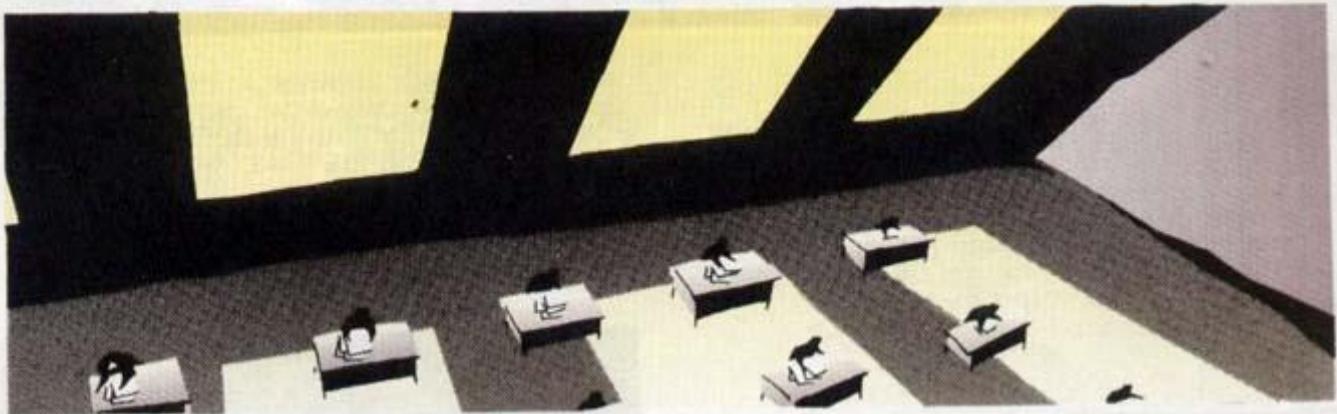
NO TREM DO METRÔ, PELA MANHÃ, ELE LIA UM JORNAL E SE INDAGAVA O QUE ACONTECERIA SE O VAGÃO FOSSE REPENTINAMENTE TRANSPORTADO PARA UM PLANETA DISTANTE: QUANTO TEMPO LEVARIA ANTES QUE OS PASSAGEIROS COMEÇASSEM A FALAR UMS COM OS OUTROS; QUEM FARIA AMOR COM QUEM; QUEM SERIA DEVORADO CASO FALTASSE COMIDA...



ELE SE SENTIA VAGAMENTE ENVERGONHADO DESESSE DEVANEIOS.



ELE TRABALHAVA O DIA TODO NUMA MESA, DENTRO DE UMA SALA COM DEZENAS DE HOMENS E MULHERES QUE SE SENTAVAM A MESAS COMO A SUA E EXECUTAVAM TRABALHOS COMO OS SEUS. ELE NÃO GOSTAVA E NEM DESGOSTAVA DO SEU EMPREGO: TINHA ACEITO O SERVIÇO, PORQUE ERA PARA A VIDA INTEIRA, PORQUE GARANTIA ESTABILIDADE E SEGURANÇA.



MAS, NA HORA DO ALMOÇO, ENQUANTO SEUS COLEGAS IAM AO REFEITÓRIO NO OUTRO ANDAR PARA COMER REFEIÇÕES SUBSIDIADAS E TROCAR FOFOCAS, O HOMEM, CUJO NOME ERA ROBERT, RETIRAVA UM SANDUÍCHE DA SUA VALISE E, POR UMA HORA, EXPLORAVA OS CAMINHOS DA CIDADE.



ELE ANDAVA OU TOMAVA UM ÔNIBUS E CONTEMPLAVA SUA CIDADE. ISTO O DEIXAVA FELIZ.



UM ENTALHE NUMA PAREDE ACIMA DE UMA PORTA NUMA CASA CONDENADA; UM CLARÃO INTENSO DE LUZ DO SOL REFLETINDO-SE NAS CERCAS DE UM PARQUE, TRANSFORMANDO-AS EM LANÇAS CERRADAS A GUARDAR A GRAMA VERDE; E CRIANÇAS CHEIAS DE VIDA, UMA LÁPIDE NUM CEMITÉRIO, TÃO ERODIDA PELO VENTO, A CHUVA E O TEMPO QUE AS PALAVRAS NELA INSCRITAS SE PERDERAM, DEIXANDO MUSGOS E LÍQUENS SOLETRANDO LETRAS DE ALFABETOS ESQUECIDOS...

TODAS ESSAS VISÕES E MUITAS OUTRAS, ELE GUARDAVA COMO UM TESOURO.



ROBERT VIA A CIDADE COMO UMA ENORME JÓIA, E OS BREVES MOMENTOS DA REALIDADE QUE ENCONTRAVA DURANTE SEU ALMOÇO COMO FACETAS, LAPIDADAS E RELUZENTES DE UM TODO.



HÁ UMA SÓ PESSOA NO MUNDO QUE NÃO SONHE? QUEM NÃO GUARDA DENTRO DE SI MUNDOS IMPOSSÍVEIS?



ROBERT NÃO IMAGINAVA QUE CADA UM DOS SEUS COLEGAS TINHA ALGUMA COISA QUE TAMBÉM OS TORNAVA ÚNICOS; NEM LHE OCORREU QUE SUA PAIXÃO PELA CIDADE FOSSE, EM SI, FORA DO COMUM.



ÀS VEZES, ROBERT ANDAVA SOZINHO À NOITE, QUANDO NÃO CONSEGUIA DORMIR, PARA VER A FACE DA CIDADE EXIBIDA APÓS O ESCURECER, QUE NÃO ERA O RESTO DO DIA. CERTA VEZ, ELE ESTREMECEU AO OLHAR, POR UMA JANELA, ALGUÉM GRITAR... PERDIDO EM UM PESADELO, TALVEZ, OU DESPERTANDO DE HORRORES ATERRADORES DEMAIS PARA SUPORTAR.



HAVIA UM RIO QUE ATRAVESSAVA A CIDADE E, DURANTE SUAS CAMINHADAS NOTURNAS, ROBERT O CONTEMPLAVA E OBSERVAVA AS LUZES DA CIDADE REFLETIDAS NA ÁGUA.

NO DIA SEGUINTE, NO TRABALHO, O CANSADO O TOMAVA.



CERTA MANHÃ, ELE TOMOU O METRÔ PARA TRABALHAR, COMO SEMPRE FAZIA, E PASSOU O DIA LABUTANDO NA SALA CHEIA DE MESAS. NA HORA DO ALMOÇO, ELE CAMINHOU PELO BAIRRO COMERCIAL.



ELE PASSOU POR RUAS, ALAMEDAS E VIÉLAS PELAS QUAIS PASSARA CENTENAS DE VEZES ANTES; E ENTÃO, VIU A ESTRADA DE PRATA.

ELA BRILHAVA E CINTILAVA PARA ALÉM DE UM MERCADO DE RUA.



ROBERT ATRAVESSOU O MERCADO CORRENDO, MAS QUANDO CHEGOU AO FIM DA RUA, ENCONTROU APENAS UM BECO, E A ESTRADA DE PRATA NÃO PODIA SER VISTA.



ELE VOLTOU AO SERVIÇO, MAS NÃO CONSEGUIU SE CONCENTRAR. DUAS HORAS DE TRABALHO ESTICARAM-SE EM TRÊS, QUATRO... QUANDO FINALMENTE TERMINOU, ELE ESTAVA SOZINHO NO ESCRITÓRIO VAZIO.



O SOL TINHA SE POSTO E ELE HAVIA PERDIDO O TREM QUE SEMPRE TOMAVA PARA CASA.



ROBERT ESPEROU NUMA PLATAFORMA VAZIA E TEVE DEVANEIOS SOBRE A ESTRADA DE PRATA ATRAVESSANDO A CIDADE.



TALVEZ ELE TENHA COCHILADO, TALVEZ NÃO, SEJA COMO FOR, ELE FOI ARRANCADO DO MUNDO DAS NUVENS PELA CHEGADA DO TREM.



ERA DIFERENTE DE QUALQUER TREM DE METRÔ QUE ELE JÁ HAVIA VISTO ANTES; AS LINHAS ERAVAM ARROJADAS E ESTRANHAS.



O VEÍCULO CHEGOU SILENCIOSO,  
E ROBERT ENTROU

HAVIA APENAS UM OUTRO  
PASSEGEIRO NO TREM.

ELE ESTAVA DE PÉ, SOLITÁRIO, NO VAGÃO EM QUE ROBERT TINHA ENTRADO: UM HOMEM PÁLIDO, DE CABELOS NEGROS E DESREGRADOS, VESTINDO UM SOBRETUDO LONGO E PRETO.



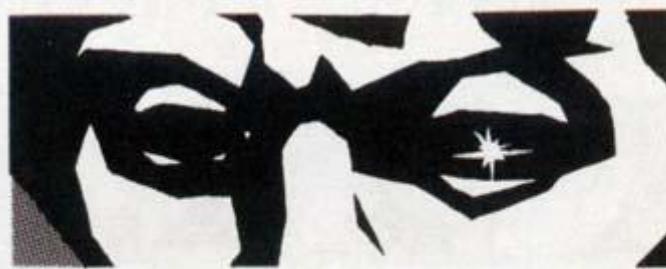
BASTARAM ALGUNS MINUTOS PARA ROBERT PERCEBER QUE ALGUMA COISA ESTAVA ERRADA: O TREM NÃO ESTAVA PARANDO EM NENHUMA DAS ESTAÇÕES. ESTAVA, EM VEZ DISSO, AVANÇANDO CADA VEZ MAIS RÁPIDO E SILENCIOSAMENTE DEBAIXO DA CIDADE.



"COM LICENÇA? ESTE TREM VAI PARAR? É A LINHA DA CIDADE? RECEIO QUE EU TENHA TOMADO O TREM ERRADO. EU..."



O DESCONHECIDO SIMPLESMENTE O FITOU COM OLHOS NEGROS COMO PISCINAS DA NOITE.



ENTÃO, ROBERT DEU UM PASSO VIGOROSO PARA TRÁS, NERVOSENTE, E, QUANDO FEZ ISSO, SENTIU QUE O TREM COMEÇAVA A DESACELERAR.

AS LUZES DE UMA ESTAÇÃO CINTILARAM ATRAVÉS DAS JANELAS DO VAGÃO.



AS PORTAS SE ABRIRAM E ROBERT CAMBALEOU.

ELE NÃO RECONHECIA A ESTAÇÃO. NÃO HAVIA SINAL INDICANDO SEU NOME, E ERA MAL ILUMINADA.

AS PRESSAS, ELE FOI PARA AS ESCADAS. ROBERT TINHA CERTEZA DE QUE SUA FAMILIARIDADE COM A CIDADE SERIA O SUFICIENTE PARA QUE, UMA VEZ NAS RUAS, FOSSE SIMPLES SE ORIENTAR.



ROBERT TOMARIA UM TÁXI PARA CASA. CERTAMENTE, SERIA CARO, MAS IMPORTAVA. E ELE SAIU POR UMA ABERTURA EM ARCO, GANHANDO A RUA.



HAVIA ALGO MAIS DO QUE FAMILIAR NA RUA EM QUE SE ENCONTRAVA. ALGUMA COISA QUE ELE JULGAVA IMPOSSÍVEL SITUAR, E VIU-SE, ENTÃO, INCAPAZ DE DIZER O NOME DA RUA.



ELE SE VIROU, MAS A ABERTURA EM ARCO HAVIA SUMIDO.

OS PRÉDIOS SE AVOLUMAVAM SOBRE ELE, ALTOS E DESTITUÍDOS DE LUZ.

ROBERT CORREU PELA CIDADE... SE É QUE AINDA ESTAVA NA CIDADE, POIS ELE NÃO TINHA MAIS CERTEZA.



UM VENTO FRIO SOPROU PELAS VIAS PÚBLICAS E AVENIDAS, TRAZENDO CONSIGO ODORES FAMILIARES: O MERCADO DE CARNES AO AMANHECER; APARELHOS DE TV DO BAIRRO DE ELETROELETRÔNICOS; O AROMA DE TERRA RECÉM-ESCAVADA, DE PICHE DERRETIDO, DE ESGOTOS E METRÔS.



ROBERT COMEÇOU A CORRER, CERTO DE QUE, POR FIM, VERIA UMA RUA OU PRÉDIO QUE RECONHECERIA.

ISSO NÃO ACONTECEU. POR FIM, ELE DESABOU SEM FÔLEGO DE ENCONTRO A UMA PAREDE DE CONCRETO.



DE TEMPOS EM TEMPOS, ROBERT PODIA SENTIR OLHOS O FITANDO DAS JANELAS E PORTAS, MAS OS ROSTOS QUE VIA ERAVAM PERDIDOS, ASSUSTADOS E DISTANTES. NINGUÉM SE APROXIMOU O BASTANTE PARA CONVERSAR COM ELE.



HAVIA TAMBÉM ALGUMAS OUTRAS PESSOAS NA CIDADE, MAS ERAVAM ENTIDADES BREVES E FUGIDIAS QUE BRUXULEAVAM E SUMIAM.



DE TEMPOS EM TEMPOS, O CÉU SE ILUMINAVA, ÀS VEZES, FICAVA ESCURO, MAS NÃO HAVIA ESTRELAS OU LUA À NOITE, NEM SOL DE DIA.

AS ESTRADAS SE MISTURAVAM, VIRAVAM-NO DO AVESSO. AQUI, ELE PASSAVA POR UMA CATEDRAL OU MUSEU; ALI, POR UM ARRANHA-CÉU OU FONTE... SEMPRE ASSUSTADORAMENTE FAMILIARES... MAS JAMAIS PASSAVA PELO MESMO MARCO DUAS VEZES, NEM PODIA ENCONTRAR A TRILHA QUE O LEVASSE DE VOLTA A UM DELES.



NEM MESMO ERA CAPAZ DE ENCONTRAR A ESTAÇÃO DE METRÔ PELA QUAL HAVIA ENTRADO NESTE ECO DISTORCIDO DE CIDADE.

ELE HAVIA ESTADO NA CIDADE POR DIAS, SEMANAS, OU TALVEZ MESES. NÃO HAVIA COMO SABER.



FOI NO NASCER DO SOL, EMBORA SOL ALGUM SE ERGUESSE, QUANDO ROBERT ENCONTROU O RIO. ELE CINTILAVA E TREMELUZIA COMO UMA TIRA PRATEADA. HAVIA UMA PONTE POR SOBRE O RIO, UM ELEGANTE ARCO FEITO DE PEDRA E METAL.



ELE CAMINHOU ATÉ O TOPO DA PONTE E CONTEMPLOU A CIDADE.



CHEGOU A PENSAR QUE AQUELA FOSSE UMA PILHA DE TRAPOS, MAS ELA SE MEXEU E FICOU DE PÉ.



O ANCIÃO CAMINHOU ATÉ ROBERT. "É MARAVILHOSA, NÃO?"

"SIM", DISSE ROBERT. "É SIM."



ELES FICARAM JUNTOS ALI NA PONTE CONTEMPLANDO.

"ONDE NÓS ESTAMOS?", INDAGOU ROBERT.

"NA CIDADE", DISSE O VELHO.



ROBERT NEGOU COM A CABEÇA. "EU CAMINHEI PELA CIDADE TODA A MINHA VIDA. ESTA NÃO É A CIDADE, EMBORA HAJA MOMENTOS EM QUE EU RECONHEÇA FRAGMENTOS SEUS DA MESMA FORMA COMO UMA PESSOA RECONHECE UM VERSO DE UM POEMA FAMILIAR NUM LIVRO DESCONHECIDO."



O VELHO TOMOU ROBERT PELO OMBRO.

"ESTA É A CIDADE", ELE REPETIU.

"ENTÃO... EM QUE PONTO DA CIDADE ESTAMOS?"



"EU ACHO..." O ANCIÃO FEZ UMA PAUSA. HAVIA UM VENTO FRIO FUSTIGANDO A PONTE.

"EU ESTOU AQUI HA MUITOS E MUITOS ANOS. QUANTOS, EU NÃO SEI. E, NESSAS DÉCADAS, EU TIVE TEMPO PARA PENSAR."



"TALVEZ A CIDADE SEJA UMA COISA VIVA. TODA CIDADE TEM SUA PRÓPRIA PERSONALIDADE, AFINAL."

"LOS ANGELES NÃO É VIENA. LONDRES NÃO É MOSCOU. CHICAGO NÃO É PARIS. CADA CIDADE É UMA COLEÇÃO DE VIDAS E PRÉDIOS E TEM SUA PRÓPRIA PERSONALIDADE."

"E DAÍ?"

"DAI QUE, SE UMA CIDADE TEM PERSONALIDADE, TALVEZ TAMBÉM TENHA ALMA. TALVEZ SONHE."



"É NISSO QUE ACREDITO TERMOS CHEGADO. NÓS ESTAMOS NOS SONHOS DA CIDADE. POR ESSA RAZÃO, ALGUNS LUGARES PAIRAM À BEIRA DO RECONHECIMENTO."



"QUER DIZER QUE ESTAMOS DORMINDO?"

"NÃO. IMAGINO QUE ESTEJAMOS DESPERTOS. ACHO QUE A CIDADE ESTÁ DORMINDO. E TODOS NÓS ESTAMOS NOS TROMBANDO ATRAVÉS DOS SONHOS DA CIDADE."



JUNTOS, OS DOIS HOMENS ATRAVESSARAM A PONTE E REENTRARAM NA CIDADE.



"AS PESSOAS QUE BRUXULEIAM... QUEM SÃO?"

"QUEM PODE SABER. TALVEZ SEJAM PESSOAS DESPERTAS, BRUXULEANDO PELO NOSSO MUNDO. POR UMA FRAÇÃO DE MOMENTO, ENTRAM NOS SONHOS DA CIDADE E VÊEM A CIDADE DO MODO COMO VEMOS. OU TALVEZ SEJAM AS PESSOAS COM QUEM A CIDADE SONHA..."



ACIMA DELES, VASTAS E CICLÓPICAS PAREDES ERGUIAM-SE NA FORMA DE TORRES. LUZES CINTILAVAM EM PRÉDIOS DISTANTES COMO SE ESTIVESSEM EMITINDO MENSAGENS NUM CÓDIGO INCERTO PARA ALGUM OBSERVADOR LONGÍNUO.



"O QUE VAI ACONTECER COMIGO?", INDAGOU ROBERT.

O VELHO DEU DE OMBROS. "EU CONHECI MUITA GENTE DESDE QUE ESTOU NA CIDADE", DISSE ELE. "MAS É UMA CIDADE GRANDE, E NÓS SOMOS POUCOS. NÃO SEI O QUE VAI SER DE VOCÊ. QUANTO A MIM, ESTOU FELIZ POR PERAMBULAR PELAS RUAS."



"TALVEZ, UM DIA, EU VOLTE PARA O MUNDO DESPERTO. ESTOU PROCURANDO UMA ESTRADA QUE CONHECIA NA CIDADE VERDADEIRA... E QUANDO ENCONTRA-LA, VOU CAMINHAR POR ELA E ME VER NO MUNDO REAL UMA VEZ MAIS."



"É ISSO QUE EU ESPERO E PELO QUE REZO; AFINAL, É PREFERÍVEL À ALTERNATIVA."

"E QUAL É?"



"QUE A CIDADE ACORDE", DISSE O VELHO. "QUE ELA ACORDE E..."



MAS ELE EMUDECEU DE REPENTE E APONTOU INQUIETO. "OLHE!", EXCLAMOU. "NÃO ESTÁ VENDO? AQUELA ESQUINA ALI, ENTRE A PAREDE E A VELHA CASA. NÃO É FAMILIAR?"

ROBERT CONTEMPLOU, INTRIGADO.



MAS O ANCIÃO JÁ ESTAVA CORRENDO PELA RUA.

"ESPERE! ESPERE POR MIM!", O VELHO GRITAVA.

ELE ATRAVESSOU RAPIDAMENTE A RUA, PENTROU NUMA VIELA E DESAPARECEU.

QUANDO ROBERT ALCANGOU A ENTRADA DA VIELA, PERCEBEU QUE ERA UM BECO SEM SAÍDA COMPLETAMENTE VAZIO. NUNCA MAIS VIU O VELHO DE NOVO.



MAS AGORA ROBERT TINHA UM PROPÓSITO. ELE PROCURAVA ALGUMA COISA QUE CONHECESSE: UMA TRILHA, UMA RUA OU UM BECO, ELE CAMINHAVA PELA CIDADE DOS SONHOS, CAGANDO ALGO QUE RECONHECESSE: EM BUSCA DO REAL.



ELE SUBIA AS ESCADAS DOS ARRANHA-CÉUS À PROCURA DE UMA PORTA QUE HAVIA VISTO ANTES.

DESCIA ATÉ AS ENTRANHAS DA CIDADE, SEGUINDO TRILHAS IMAGINÁRIAS POR ESCADARIAS ÚMIDAS E ESCORREGADIAS QUE LEVAVAM A LUGAR NENHUM.



ELE PERCORRIA PEQUENAS RUELAS, PASSANDO POR RESTAURANTES SEMPRE FECHADOS OU PEQUENAS LOJAS QUE, PELO QUE VIA DAS JANELAS, VENDIA MARAVILHAS, MAS NUNCA ESTAVAM ABERTAS.



ELE PERAMBULOU POR MESES TALVEZ, SEM FALAR COM NINGUÉM, ATÉ O DIA EM QUE ENCONTROU UMA MULHER NO JARDIM DO TETO DE UM EDIFÍCIO QUE EMERGIA DA CIDADE COMO UM DENTE NEGRO.



ELA ESTAVA SENTADA AO LADO DE UMA PEQUENA FONTE E OLHAVA EM SUA DIREÇÃO À MEDIDA QUE ELE SE APROXIMAVA.

"CAVALHEIRO... SE O SENHOR FOR REAL E NÃO UMA INVENÇÃO OU FANTASIA... ONDE ESTAMOS?", ELA INDAGOU.



"O QUANTO SOU REAL JÁ NÃO POSSO MAIS DIZER", ELE FALOU PARA A MOÇA, "MAS NOS ESTAMOS NA CIDADE, OU FOI O QUE ME GARANTIRAM."



HAVIA ALGUMA COISA NAQUELA MULHER; A MANEIRA COMO PENDIA A CABEÇA, TALVEZ, OU UMA CERTA COR NOS OLHOS, OU A LINHA QUE UM CACHO TRAGAVA AO CAIR DA TESTA SOBRE SUAS FACES.



ROBERT APROXIMOU-SE DELA.



FOI, ENTÃO QUE, ATRÁS DAS FLORES E DAS PLANTAS EM VASOS (ALGUMAS PROSAICAS, OUTRAS POSSUINDO UMA ESTRANHA E EXÓTICA QUALIDADE, QUASE ALIENÍGENA), ELE REPAROU NUMA PORTA.

ERA UMA PORTA DE FAMILIARIDADE QUASE INTOLERÁVEL; ELE HAVIA PASSADO POR ELA TODOS OS DIAS A CAMINHO DO TRABALHO NUMA VIDA QUE PARECIA TÃO IMAGINÁRIA E DISTANTE QUANTO A LUA.



"QUAL É SEU NOME?", ELA INDAGOU.

A MULHER ESTENDEU A MÃO. ROBERT ACHOU QUE FOSSE TOCA-LO; SE ELA O TIVESSE TOCADO, ELE TERIA SE PERDIDO PARA SEMPRE.



ELE CORREU ATRAVÉS DO JARDIM SUSPENSO, DERRUBANDO PLANTAS À MEDIDA QUE PASSAVA, SEM PARAR, DESORDENADO, ATABALHOADO, SEM OLHAR PARA TRÁS.



ENTÃO, ATRAVESSOU A PORTA.



E MOMENTANEAMENTE FICOU CEGO.



"TUDO BEM COM VOCÊ?"

ROBERT OLHOU AO REDOR E PISCOU OS OLHOS NA LUZ DO SOL.

"OBRIGADO", DISSE ELE. "EU ESTOU BEM."



EU CONHECI ROBERT NUM PEQUENO VILAREJO NA COSTA DA ESCÓCIA, ALGUNS ANOS APÓS OS EVENTOS QUE MENCIONEI AQUI.

A VILA EM QUE ELE MORAVA ERA MUITO PEQUENA. POSSUÍA ALGUMAS CASAS E FAZENDAS ESPALHADAS, UMA LOJA QUE SERVIA DE CORREIO E UMA ESTALAGEM. ALÉM DISSO, HAVIA APENAS RAQUITICAS OVELHAS, ÁRVORES DESOLADAS E O CONSTANTE MURMÚRIO DO MAR.



FOI NAQUELA ESTALAGEM QUE ELE ME CONTOU A HISTÓRIA QUE AGORA LHE PASSO.

ELE ERA UM HOMEM MUITO ASSUSTADO.

"VOCÊ TEM MEDO DE UM DIA VOLTAR PARA OS SONHOS DA CIDADE?", INDAGUEI. "É POR ISSO QUE VOCÊ VIVE AQUI?"



ELE BALANÇOU A CABEÇA E SAIU. A NEBLINA ESTAVA BAIXA, MUITO BRANCA E ESPESSA. ERA COMO SE PUDÉSSERAM ESTAR EM QUALQUER LUGAR.



"SE A CIDADE ESTAVA SONHANDO", ELE ME DISSE, "ENTÃO, ELA ESTAVA DORMINDO. E EU NÃO TEMO CIDADES QUE DORMEM, ESPARRAMADAS E INCONSCIENTES AO REDOR DE SEUS RIOS E ESTUÁRIOS, COMO GATOS NO LUAR. CIDADES ADORMECIDAS SÃO CRIATURAS DOMADAS E INOFENSIVAS."



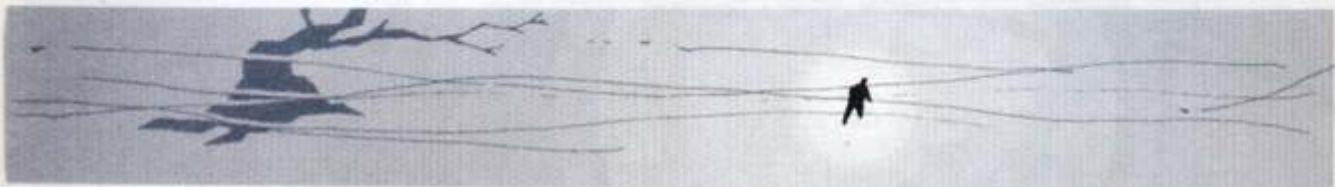
"O QUE EU TEMO", ELE DISSE, "É O DIA EM QUE AS CIDADES ACORDARÃO. O DIA EM QUE AS CIDADES IRÃO SE LEVANTAR."



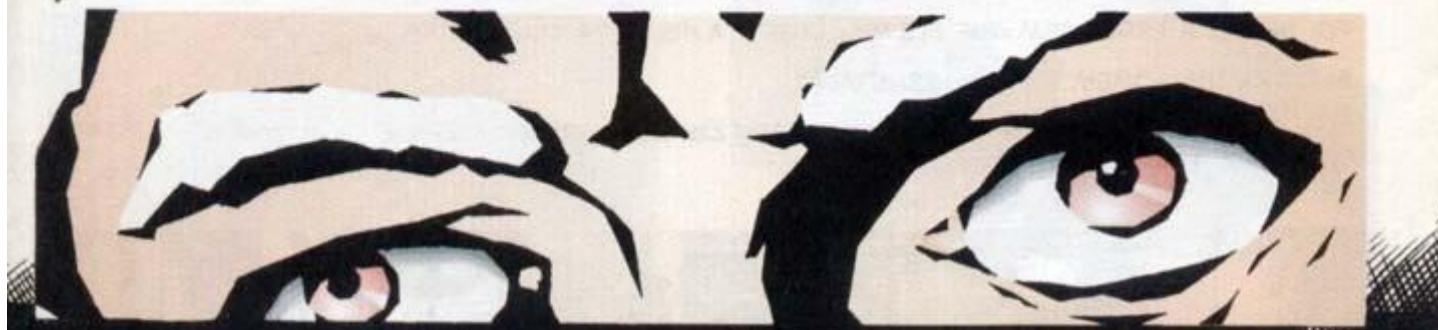
EU PREFERI PENSAR QUE FOI APENAS O FRIO QUE ME FEZ ESTREMECER, APENAS UM FIO DA NÉVOA EM MINHA GARGANTA QUE ME LEVOU A TOMAR FÔLEGO.



ROBERT ATRAVESSOU A CHARNECA E EU NUNCA MAIS O VI.



DESENDE ENTÃO, EU PASSEI A CAMINHAR MAIS DESCONFORTAVELMENTE PELAS CIDADES.



**T**he **F**abulous  
**A**dventures of

*an Englishman*  
*in Sampa City*

# *Impressões sobre um mesmo tema de um mesmo autor...*



Do final dos anos oitenta para cá, pudemos nos maravilhar com o que muitos críticos chamam de amadurecimento dos quadrinhos, principalmente no que se refere ao mercado americano. Cá entre nós, raras exceções, os europeus parecem nunca ter tido um similar juvenil ou infantil... No entanto, assim como aconteceu no rock, os britânicos provaram ser melhores que os demais. Os britânicos. Sempre eles...

Contrariando as regras do imutável, um desses artistas conquistou fama não como desenhista ou capista, mas meramente como roteirista. Ele resolveu abandonar uma relativamente estável carreira jornalística para incursar no mundo dos comics. Sua primeira tentativa se deu ao lado do amigo e desenhista Dave McKean com uma graphic novel de extremo requinte visual e narrativo. Sua história, simples, explorava a tênue relação entre a magia da infância e o gangsterismo. A capa de esvoaçante mistério oferecia um título incomum: *Violent Cases* (a tradução poderia ser literal, "Casos Violentos", ou subjetiva, "Estojos

*Violentos*", por causa dos gângsteres que guardavam suas machine guns em estojos de violinos). Foi o suficiente para despertar a curiosidade dos editores no mundo todo. Logo depois, os dois foram convidados pela editora americana DC Comics para reformular uma personagem que beirava a mediocridade e o resultado foi a idílica minissérie *Orquídea Negra* (*Black Orchid*). A arte era estupenda, mas algum ingrediente desconhecido ao paladar tornava o texto algo muito especial. Quase na mesma época, a um oceano de distância, a badalada revista inglesa *The Face* (aquele, de Andy Warhol) publicava em capítulos a série *Signal to Noise* (algo como "Sinal de Interferência"), feita sob encomenda pela mesma dupla de artistas. Anos depois, a obra seria reunida e ampliada numa fantástica edição pela Victor Gollancz, com uma introdução feita pelo escritor Jonathan Carroll.

Então, este ainda desconhecido argumentista aceitou o desafio de dar vida nova a outro personagem no rol dos esquecidos da DC: *Sandman*. Ninguém acreditava muito na longevidade do

titulo, mas o conteúdo de seus textos e uma certa pitada de magia onírica mudaram definitivamente a maneira de se contar histórias. Um universo novo surgia nas HQs. "Idéias envoltas em pele." Assim ele definia seus complexos personagens que desfilavam pela revista *Sandman*.

Depois, foi a vez de assumir a pena deixada pelo mestre Alan Moore (outro britânico!) na série *Miracleman*. Os frutos dessa posse receberam o nome de *Golden Age*, onde o personagem-título deixa de ser um herói fascista e ganha um ar mais adequado às deidades. Mais recentemente, este escriba dos sonhos e Dave McKean nos brindaram com uma nova graphic novel chamada *Mr. Punch* (um personagem saído dos teatros de fantoches ingleses). E, mais ou menos entre o início e o fim desse texto, surgiu *Good Omens* ("Boas Profecias"), um romance sobre anjos e demônios discutindo o fim do mundo, escrito a quatro mãos com Terry Pratchett. O estilo inconfundível deste prolixo roteirista acabou influenciando toda uma boa

de novos e talentosos artistas e impulsionou o surgimento de outros títulos similares a *Sandman*, mas ele continua na posição invejada e cobiçada de melhor escritor do momento. E sua carreira como quadrinhista mal começou.

Mas quem diabos é ele? Se você ainda não teve o privilégio de conhecê-lo através de suas obras (o que eu duvido muito) ou é sua primeira empreitada nesta revista, guarde este nome: Neil Gaiman. Ele já entrou para a história.

Agora, fique atento, pois as próximas linhas irão narrar alguns contos paulistanos vividos por Mr. Gaiman durante as festividades do último HQ Mix.

Leandro Luigi del Manto



Foto: Oficial

# ANIVERSÁRIO

A noite estava... Não! Não era noite, nem o início de algum filme onde escritores frustrados se imaginam jogando suas mães de trens. Na verdade, era bem cedo quando vi que o relógio havia me pregado uma peça. A escuridão daquela sexta-feira matutina de 28 de abril de 1995 (uma data a ser lembrada várias vezes!) me enganara e tive que dirigir a uma velocidade de "Dobra Espacial Fator 8" (mais do que isso seria perigoso!). Destino: Aeroporto Internacional de Cumbica. Missão: buscar o ilustre roteirista Neil Gaiman. Fatos: pontualidade britânica versus típico atraso brasileiro. Consequências: as coisas, definitivamente, começavam mal. Mas tudo prometia piorar com a descoberta de que o vôo vindo de Atlanta, EUA, havia se adiantado. Detalhe: a companhia aérea era brasileira... Parecia ser um complô engendrado por algum demônio recém-saldo de entranhas abissais, ou por um anjo caído querendo se vingar de nós mortais (neste caso, eu!)... Mas, felizmente, tudo deu certo. Lá estava Neil Gaiman conversando calmamente com Mauro M. dos Prazeres (da Devir Livraria), enquanto aguardava a minha chegada. Mesmo se ele estivesse sozinho, seria muito fácil identificá-lo: roupas e sapatos pretos, além dos inseparáveis óculos escuros, uma jaqueta de couro também preta e seu *notebook*.

E impossível não simpatizar com ele a um primeiro contato. Todas as minhas preocupações com meu "atraso" tornaram-se menos do que insignificantes com o primeiro aperto de mão. Neil é uma pessoa extremamente gentil e atenciosa, completamente oposto à imagem fria e distante que fazemos (erroneamente) do povo britânico. Barba por fazer, cadarço do sapato

sono. Assim estava nosso mágico escritor de *Sandman* e tantas outras preciosidades. Um traste humano! Depois de um corriqueiro congestionamento na Marginal Tietê, que só foi abreviado por uma série de histórias fantásticas contadas por Neil, chegamos ao Hotel Nikkei, onde tivemos o privilégio de acompanhá-lo num rápido desjejum antes de deixá-lo descansar até a hora do almoço. Depois disso, voltei para a Globo quase sem acreditar no que estava acontecendo. Neil Gaiman estava em São Paulo! Eu havia sido encarregado de acompanhar o escritor e ficar totalmente à sua disposição. Talvez um fardo pesado demais para algumas pessoas, menos para um fã de *Sandman*. Embora tivesse me preparado uma semana antes com meditações orientais na tentativa de expurgar de mim o ímpeto terrível de endeusar nosso escritor, confesso que perdi tempo. Profissionalismo à parte, se existe um artista que eu realmente admire, seu nome é Neil Gaiman. Portanto, perdoem este pobre diabo que lhes escreve se, às vezes, seu lado "fã" se sobrepuja...



Foto: Cícero Lima

## Algumas Surpresas

De volta ao hotel, levei Neil para almoçar e, durante o percurso, enquanto o toca-fitas exalava o perfume de algumas músicas de Angelo Badalamenti (um de meus preferidos), ele apontou para o console e reconheceu de imediato o compositor e, em seguida, a música. Tratava-se de uma das faixas da trilha sonora de *Twin Peaks – Fire Walk With Me*. Para minha surpresa, Neil declarou ser um fã do seriado *Twin Peaks* e de David Lynch, que estava entre seus diretores prediletos. Foi a partir de então que descobri o quão próximas estão as referências usadas, principalmente nas histórias de *Sandman*, dos gostos pessoais de seu criador. Várias vezes, eu próprio havia comentado com amigos meus (todos leitores da revista de *Lorde Morpheus*) a respeito do universo de sonhos que Lynch esbanjava em seus filmes, das músicas aos bizarros *supercloses*. É como se tudo estivesse interligado em pequenos microuniversos...

Durante a coletiva no hotel, as perguntas vieram como uma poderosa nevasca. "Quando *SANDMAN* vai terminar? Vai terminar mesmo? Por quê? Como consegue escrever histórias tão fantásticas?" E por aí fora. Com calma e gentileza, Gaiman respondia a todas elas, sempre deixando presente um quê de mistério e magia. "*SANDMAN* tem que terminar porque tudo tem um fim. Eu não gostaria de acordar pela manhã e, ao me barbear defronte ao espelho, pensar em ter que escrever outra história de *Sandman* como algo chato e entediante. Todas as histórias boas têm um fim. Por isso, *Sandman* vai morrer. No número 75 para ser exato. Não tenho um método para escrever histórias. Eu apenas fico atento em conseguir



Foto: Cícero Lima

O pai de Sandman é bombardeado pelas perguntas na coletiva

transmitir alguma coisa que eu queira realmente contar para alguém." Ao término da coletiva, muitos dos presentes investiram com revistas em punho para conseguir alguns autógrafos, mas tivemos que levar Gaiman para a cobertura do hotel, onde ele daria uma exclusiva para a MTV e o Jornal da Tarde. É difícil ter que dizer "não" a um leitor de *SANDMAN*, mas não podíamos abrir exceções, pois o tempo era realmente muito escasso e queríamos poupar-ló para a noite, quando aconteceria a entrega dos prêmios do HQ Mix no SESC Pompéia. Durante a exclusiva para a MTV, Gaiman interrompeu a entrevista com um certo desespero no olhar... "Acho que perdi o meu notebook..." Seu tom de voz era calmo, mas seus olhos o denunciavam. Ávido escritor que é, ele jamais deixa de trabalhar e, certamente, estava escrevendo algo muito precioso durante sua passagem pelo Brasil. Quem escreve e passou pela angústia de perder um texto sabe muito bem o que é isso. Sem ser Barry Allen, desci como um relâmpago para a sala da coletiva e (ufa!) encontrei seu computador intacto e protegido embaixo da cadeira. De volta à cobertura, fiz um sinal de positivo e ele agradeceu com um sorriso aliviado.

Depois disso, Neil descansou um pouco e, no final da tarde, pediu que o levássemos a um local onde pudesse consertar seus inseparáveis óculos escuros e comprar algumas lembranças e um relógio de pulso, pois estava temporalmente perdido. Vejamos... Era uma tarde de sexta-feira, véspera de feriado, no bairro da Liberdade e o local apropriado mais próximo era o Shopping Paulista. Se, normalmente, São Paulo é conhecida pelo seu tráfego enlouquecedor, imagine só a minha situação. Aproveitando a gentileza de Marden Machado, um cinéfilo amigo meu, partimos para uma aventura sem precedentes rumo ao inesperado. Neste ínterim, tanto eu como Marden fomos presenteados com um pouco da magia que só Gaiman poderia conceber, mas isto é outra história... Quanto ao shopping, bem... O que posso dizer? Foi divertido! Rod Serling certamente tiraria proveito de tudo isso num de seus saudosos episódios da antiga série *Além da Imaginação*...

## Algo Estranho no Ar

Após algumas ligações urgentes do nosso ilustre escritor, partimos novamente em outra missão. Nossa destino: SESC Pompéia. Propositalmente atrasados,



Arte: Dave McKean

chegamos alguns momentos antes da entrega dos prêmios destinados ao criador de *Sandman*. O local estava transbordando de fãs e o ar viciado pela fumaça de cigarro lembrava uma daquelas cenas em que *Dale Cooper & Cia* entravam na *Road House* e tudo parecia parar ao som da voz de *Julee Cruise*. Havia muita gente querendo falar com Gaiman e entregar lembranças ou pedir autógrafos. Foi tudo muito rápido. Entrega de prêmios e agradecimentos foram abreviados pelo assédio do público. Assim como o *Leão da Montanha* sabiamente falaria, nós optamos por uma saída estratégica pela esquerda. Havíamos combinado um jantar com algumas pessoas da área de quadrinhos e artistas, mas fomos obrigados a esquecer tudo para fugir da multidão. Na saída do SESC Pompéia,

muitos leitores cercaram nosso ilustre convidado, mas embora ele demonstrasse nitidamente seu cansaço físico, quase todos conseguiram seus autógrafos. Neil Gaiman, com toda a sua sutileza britânica e uma calma zen, recebeu a todos com bastante carinho e atenção. Já dentro do carro, tivemos que parar no semáforo e alguns fãs conseguiram nos alcançar e enfiaram edições de *SANDMAN* pela janela, implorando por um autógrafo. Deixando o susto de lado, assinou as

edições achando graça de tudo. Segundo Neil, jamais havia presenciado uma recepção tão calorosa quanto a dos brasileiros. Eu pedi desculpas por toda aquela confusão e pelo assédio, mas tentei justificar tudo com o carinho e a admiração que os leitores sentem por ele. Então, recebi a seguinte resposta: "Sem dúvida, esses leitores são muito especiais. Estou surpreso com tudo isso porque, em outros países, só me perguntam quando irá acontecer isso ou aquilo, mas há uma distância entre nós. Os leitores brasileiros são muito carinhosos e demonstram isso". No caminho até o hotel Gaiman disse que em várias convenções sempre acabava esbarrando com um leitor brasileiro e esse foi um dos motivos que o encorajou a vir até o Brasil. Parece que não houve decepções de nenhum dos lados...

Um detalhe interessante no caminho até o hotel foi quando, ao paramos em um semáforo, Neil deteve sua atenção num daqueles minúsculos bares não muito bem freqüentados do Paraíso, enquanto um homem lavava o chão com a água turva vinda de um balde vermelho. A feição do homem era simplesmente cadavérica e uma grande cicatriz na face esquerda aumentava ainda mais sua estranheza. Sem saber, ele talvez tenha sido absorvido para dentro dos sonhos de um certo escritor britânico. E isso parece ser uma constante. Nada escapa à sua atenção e tudo torna-se ingrediente para uma história.

## Contratempos

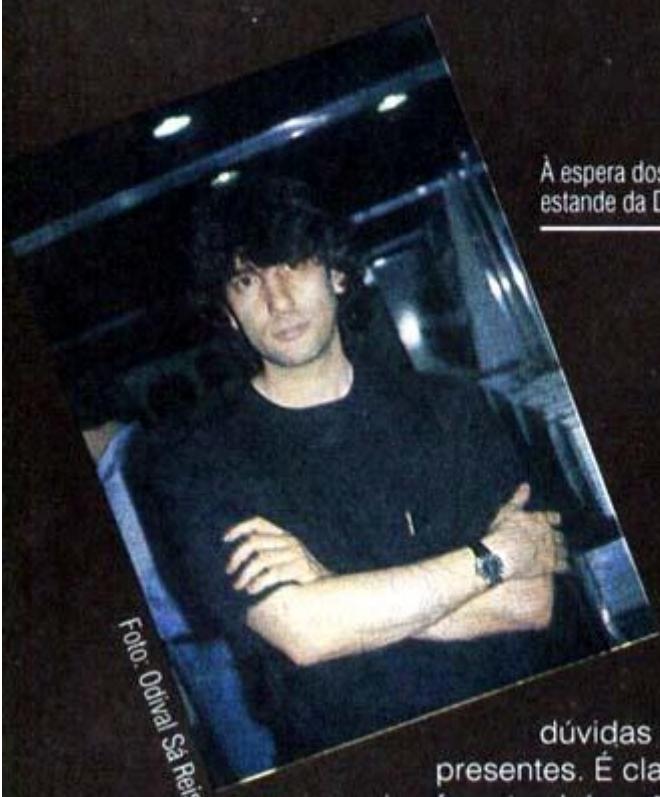
No dia seguinte, após mais algumas entrevistas, Gaiman foi visitar a Devir Livraria e toda a equipe fantástica de profissionais

Neil Gaiman durante a palestra no SESC Pompéia

Foto: Odiva Sá Reis

correndo um sério risco se esquecesse alguém...). Após um rápido tour e algumas explicações de como a loja funciona, fomos para o SESC Pompéia onde haveria uma breve palestra e longa tarde de autógrafos. Fomos atingidos em cheio por um mal tipicamente brasileiro conhecido popularmente como "desorganização". Os horários não batiam com a programação e o local da palestra estava sendo utilizado para a apresentação de uma peça de teatro da qual nem sabíamos. A sorte é que se tratava de uma transposição de algumas histórias de SANDMAN. Como chegamos no fim da apresentação, vimos muito pouco, mas os comentários de quem assistiu foram muito bons.

Com meia hora de atraso e sem direito a estender sua palestra, Gaiman começou seu show particular auxiliado por Sérgio Miranda e Luiz Mauro (ambos da Devir), que providenciaram as traduções das perguntas e respostas. Mas convenhamos: apenas trinta minutos de palestra era muito pouco para saciar todas as



À espera dos fãs no  
estande da Devir

Foto: Odival Sá Reis

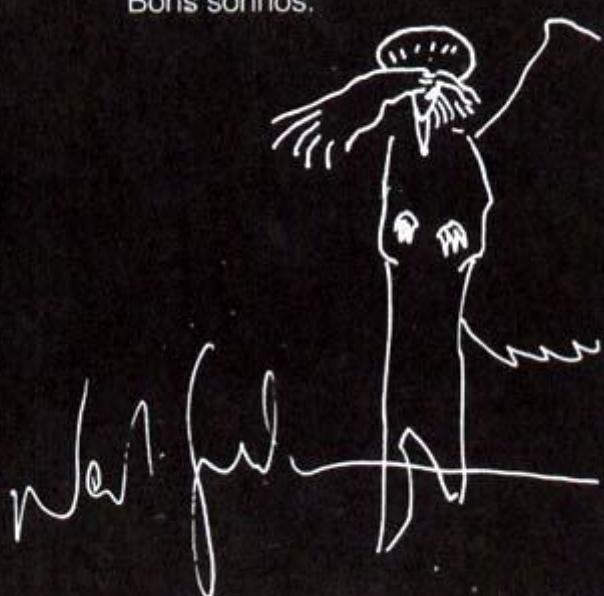
dúvidas dos presentes. É claro que o microfone também não funcionava... No entanto, a simpatia e a paciência prevaleceram. Ele começou: "Meu nome é Neil Gaiman. Eu componho idéias e as escrevo. Vamos às perguntas. Vocês têm alguma?". A platéia aplaudiu com gosto e entusiasmo. Tentarei, a seguir, reproduzir as respostas dele sobre as inúmeras questões levantadas. "Não tenho interesse em dar apenas meu ponto de vista sobre um determinado personagem ou continuar explorando assuntos que já estão mais do que explorados. Não quero escrever mais uma história de lobisomens. Minha intenção é tentar contar como a lenda surgiu pela primeira vez. É isso que gosto de fazer. Neste momento, estou escrevendo o roteiro de uma minissérie de TV para a BBC chamada *Neverwhere*. Trata-se de uma história sobre seres (ratos que falam, demônios etc.) que vivem numa espécie de cidade sob Londres. Há muitas lendas sobre os subterrâneos londrinos e eu estou tirando proveito disso." Quando lhe perguntaram sobre como é ser escritor e o que se precisa para se tornar um, Gaiman sorriu e disse: "É uma experiência única. O que posso dizer é que escrevam sempre, sem parar, a todo instante. O hábito

lapida o estilo". Foi levantada a possibilidade de um filme sobre *Sandman* e ele declarou que gostaria muito de ver algo dirigido por David Lynch, no mesmo estilo de *Twin Peaks*, uma de suas séries favoritas.

A palestra, apesar de agradável, teve de terminar abruptamente para que o criador de *Sandman* pudesse autografar as edições dos fãs que formavam uma fila tão interminável quanto os corredores de *Destino*. Foi um show à parte. Sempre paciente e gentil, Gaiman assinou as revistas dos súditos de *Morpheus* no estande da Devir. Poder observar o sorriso de contentamento estampado no rosto das pessoas foi uma dádiva que, talvez, poucos compreendam. Alguns leitores permaneceram na fila pelo simples prazer de poderem apertar sua mão e agradecer por tantas histórias maravilhosas.

As fabulosas aventuras deste britânico escritor em São Paulo foram muitas, mas todas serão narradas no devido tempo. O que resta são as boas lembranças de uma pessoa incrível que fez jus a todas aquelas imagens que fazíamos dele. Com sua simplicidade característica, ele se autodefine: "My name is Neil Gaiman. I make things up and write them down".

Bons sonhos.





#### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Roberto Marinho (presidente)  
João Roberto Marinho (vice-presidente)  
Roberto Irineu Marinho, José Roberto Marinho, Luiz  
Eduardo Velho da Silva Vasconcelos, Mauro Molchansly  
e Pedro Ramos de Carvalho (conselheiros)

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Ricardo A. Fischer (diretor geral), Fernando A. Costa,  
Flávio Barros Pinto, Carlos Alberto R. Loureiro,  
José Francisco Queiroz (diretores)

# SANDMAN

#### EDITORIAL

Diretora: Flavia Ceccantini  
Editor: Leandro Luigi del Manto  
Revisores: Cecilia Bassarani, Paulo Roberto Pompêo  
Secretário de Redação: Cicero Lima  
Chefe de Arte: José Moreno Cappucci  
Diagramadores: Marco Aurélio Ponzi, Elias Azevedo  
Secretária: Shirley Flaborea  
Tradução: Estúdio Arcadia  
Letras: Art & Comics

#### MARKETING

Gerente de Planejamento: Sônia Penteado. Gerente de Pesquisa: Lídice Salgot. Gerente de Administração: Juarez Leite. Gerente de Comunicação Publicitária: Isabel Povineli

#### ÁREAS DE APOIO – COMUNICAÇÃO

Diretor de Propaganda e Promoções: José Carlos Madio. Diretor de Comunicação: Mauro Costa Santos. Gerente de Propaganda: Sergio Nicoleti. Divulgação de Imprensa: Mônica Prioli

#### COMERCIAL

Diretor de Vendas/Bancas: Wanderlei Medeiros. Diretor de Assinaturas: Ubirajara Romero. Diretor de Marketing Direto: Wilson Pascoal Jr.. Diretor de Produção Gráfica: Danilo Borges. Gerente de Produto: Sérgio R. Gromik

Diretora Responsável: Flavia Ceccantini

#### Editora Globo S/A

Rua Domingos Sérgio dos Anjos, 277  
São Paulo – SP – CEP 05136-170  
Telefone (011) 836-5000  
Data desta edição: Janeiro/96

© 1996 DC Comics Inc. A Division of Warner Bros.  
A Time Warner Company.  
Todos os Direitos Reservados

**ANER**

**QUANDO O  
TEMPO NÃO  
PASSA E NÃO HÁ  
COMO VOLTAR  
PARA CASA, UMA  
TAVERNA PODE  
SER UM BOM  
REFÚGIO... OU  
UMA MALDICAÇÃO  
SEM FIM!**



**O FIM DO MUNDO  
ATO II**

**SE VOCÊ TEM UMA  
HISTÓRIA PARA CONTAR,  
ESTEJA LÁ!!!**

